
“AQUI SOU APENAS UM PEREGRINO”

Vincent Van Gogh em Seu Centenário

Pieter Sol

A luz amarela do final de julho brilhou dentro do pequeno estúdio do artista de cabelos ruivos. Naquela manhã ele não estava assentado junto ao seu cavalete de pintor, onde costumei-

ramente labutava com fúria para captar milharais, cabanas de camponeses e aldeias em espirais de vibrante cor. Em vez disso, o jovem artista jazia no leito. Incuravelmente enfermo e

afligido por instabilidade mental, solidão e um senso de fracasso, havia ele baleado a si mesmo com uma velha pistola em um trigal perto de Auvers-sur-Oise, França. Um dos seus pou-

cos amigos, o neurologista Paul-Ferdinand Gachet, cuidou dele por dias enquanto a morte se aproximava lentamente. Correndo apressadamente de Paris, Theo, irmão do artista chegou a tempo de ouvi-lo dizer: "Eu quero ir para casa."

O dia 29 de julho de 1890 viu a morte de Vincent van Gogh, com apenas 37 anos de idade, hoje considerado o maior artista holandês desde Rembrandt. Os festejos centenários na Holanda e ao redor do globo celebraram esse homem que, durante sua existência, vendeu apenas um quadro com desconto. Apoiado e encorajado constantemente por seu irmão mais novo, embora admirado por poucos artistas de seus dias, van Gogh era pobre, não reconhecido e não amado. E, contudo, uma centena de anos após o seu falecimento, três de seus quadros se classificam em hasta pública entre as 10 obras mais altamente valorizadas.

Esta é a história do Pai do Expressionismo. Em sua arte e cultura, encontramos Vincent e obtemos algum *insight* de suas crenças, intenções, convicções, deficiências, e incrível talento. A fascinação moderna por van Gogh tem sido explicada apenas parcialmente, nos numerosos estudos consagrados à sua obra. Para nós ele permanece tanto acessível quanto enigmático.

PRIMEIROS ANOS

Vincent Willem van Gogh nasceu a 30 de março de 1853, sendo o primeiro de seis filhos nascidos a um pastor reformado holandês e sua esposa. Quando era criança Vincent gostava muito de perambular pela zona rural, nas proximidades de Zundert, sua aldeia natal na província de Brabant no sul da Holanda. Seu pai lhe ensinou o catecismo e as crenças protestantes dogmáticas de sua igreja. A mãe de Vincent se encarregou de sua educação geral.

Matriculado em internato aos 11 anos, e na escola secundária

aos 14, o menino sardento foi privado de sua liberdade para perambular pelos campos. Ele não tinha habilidade para as lições escolares. Reconhecendo finalmente isto, os pais de Vincent o enviaram para Haia, ten-



Auto-retrato — 1888

do ele 16 anos de idade, a fim de trabalhar na loja de um comerciante de artes onde seu tio era um dos sócios. Durante os oito anos seguintes, Vincent trabalhou nos escritórios da Goupil & Co. em Paris, Haia e Londres.

Embora Vincent apreciase o contato com as obras de grandes pintores, ele não gostava de comerciar com artes. Não encontrando satisfação em seu trabalho, Vincent tornou-se solitário e logo desenvolveu a reputação de excêntrico. Foi despedido da Goupil. Tentando um novo rumo, o jovem obteve um emprego como preceptor metodista em Ramsgate, e posteriormente em Isleworth, Inglaterra. Sua volumosa e íntima correspondência com Theo, seu irmão mais novo, nos provê um vislumbre singular da sua vida de artista. A 15 de novembro de 1876, Vincent escreveu de um sermão que ele havia pregado no domingo anterior: "Em pé no púlpito, tive o maravilhoso pensamento de que no futuro eu me tornaria

um pregador do Evangelho. Sei que sou capaz de evangelizar somente quando tiver o Evangelho no coração..." O tema do sermão de Vincent naquele domingo foi extraído do Salmo 119:19: "Sou peregrino na terra." Este tema foi talvez a mais exata reflexão da situação pessoal do artista, sempre desapontado no amor e faminto por amigos, e prefigura a vida solitária que van Gogh viveu.

Sua tarefa como pregador leigo e professor de línguas na Inglaterra findou em 1877, e ele viajou para Dordrecht na Holanda, onde trabalhou para um livreiro. Mas o seu intenso desejo de servir a humanidade não o deixou permanecer por muito tempo. Tentou recomeçar os estudos a fim de tornar-se um missionário. Sendo que o preparo teológico exigiu dele demasiado esforço, e visto que seus superiores consideravam muito arriscado mandá-lo para a missão, ele tomou o caso em suas próprias mãos. O ano seguinte o encontrou no sul da Bélgica, ministrando independentemente aos pobres mineradores de Borinage, onde uma sociedade missionária havia concordado em patrociná-lo (a 10 dólares por mês) durante um período de experiência.



O Bom Samaritano — 1890

Em seu desejo de seguir o exemplo de Jesus, Vincent distribuiu todo o seu alimento e

vestuário, vendeu suas poucas posses e deu o dinheiro aos pobres. Recusava banhar-se, considerando isto um luxo, e vivia de côdeas de pão, porque a sociedade missionária tinha retirado o seu patrocínio. Vincent logo ficou enfermo e mentalmente instável.

A essa altura, sua família insistiu com ele para que deixasse sua "missão impossível" e voltasse para casa. Isto assinou o final da primeira grande fase de sua vida.

VOLVENDO-SE PARA A ARTE

Profundamente desapontado com a religião organizada, Vincent voltou-se para seu outro amor, a arte. Em 1880, ele começou a desenhar seriamente, declarando que ministraria à humanidade através deste meio. "O mundo só se preocupa comigo", escreveu ele posteriormente, "em que eu tenha uma certa obrigação e dever, porque tenho andado na Terra por 30 anos e movido de gratidão quero deixar um sinal de recordação em forma de desenhos e pinturas — não feitos para satisfazer um certo gosto artístico, mas para expressar uma emoção genuína."

Vincent passou os cinco anos seguintes na Holanda, aprendendo a dominar os fundamentos de sua profissão, expandindo seu conhecimento dos artistas anteriores e dilatando sua técnica pintando naturezas mortas, paisagens e figuras relacionadas com a vida do camponês. Conquanto sua vida profissional melhorasse grandemente, seu ardente desejo de casar e ter uma família foi frustrado repetidamente. Nesse ínterim, Theo, seu irmão mais novo, estivera em Paris, trabalhando para os empregadores de Vincent, os comerciantes de arte Goupil & Co. Embora ele mesmo não fosse um artista, Theo nutria uma profunda apreciação pela arte. Seus clientes eram principalmente membros da classe média que

compravam arte clássica tradicional, mas isto não impedia o jovem comerciante de colecionar a arte de vanguarda dos pintores impressionistas, pontilhistas e paisagistas de Barbizon.

Os artistas modernistas da época — Monet, Seurat, Cézanne, Pissarro, Gauguin, Degas, Renoir, Toulouse-Lautrec e Bernard — freqüentemente se reuniam em casa de Theo para jantar e beber. Ali eles discutiam política, literatura, a cultura e arte das colônias francesas, Egito, Taiti, Japão, bem como os mais recentes progressos em sua própria arte.

Quando Vincent visitou o seu irmão por alguns meses em fevereiro de 1886, foi apanhado nessa entusiástica onda de criatividade. Reunindo-se com os artistas de vanguarda da época, Vincent aprendeu acerca da vida em Paris, as galerias de arte, as academias de belas-artes, e os negociantes de artes. Foi inundado pelas teorias de luz e cor dos impressionistas e pontilhistas que se tornaram possíveis pelas recém-desenvolvidas tintas em tubos. Essas tintas consistiam de pigmentos quimicamente desenvolvidos, tão claros como as cores do arco-íris. Sabendo que a luz solar ao passar por um prisma se divide em sete cores, os impressionistas conceberam a idéia de que uma mistura destas cores criaria sobre a tela toda cor desejada. Os pigmentos escuros do passado foram rapidamente abandonados a favor dessas vivas cores.

O poder expressivo das cores complementares — o azul em contraste com o alaranjado, o vermelho em contraste com o verde, e o amarelo em contraste com o violeta — levou os cavaletes do impressionista a explorem em gloriosa e chocante cor. A fim de manter as cores claras, brilhantes, os artistas pintavam com pequenas listras ou pingos de cor pura. A mistura final da cor era feita pelo olhar do observador. Sempre ávido por experimentação, Vincent pôs de lado seus pigmentos mar-

rons, ocre, vermelho-tijolos, verdes e cinzentos e colocou cores vivas em sua palheta, seguindo o exemplo de Pissarro e Seurat. Este projeto de cores brilhantes e os assuntos parisienses converteram Vincent em um desajeitado, mas entusiasta impressionista.



Camponês Cavando —
1885

Procurando constantemente melhorar sua pintura, Vincent se aplicou a uma variedade de descobertas para sua obra. A arte fotográfica, a consequência final do "sistema de perspectiva central" descrito pelos artistas da Renascença, tornou-se um auxiliar para a composição de corridas de cavalos, vistas ou paisagens da cidade, poses, e assim por diante. Seu uso introduziu novas, livres e casuais composições de assuntos. Os novos amigos de Vincent, Gauguin e Bernard, ensinaram-lhe acerca do valor simbólico e psicológico da cor — o amarelo para a luz, calor e espiritualidade; o azul para o céu, para a serenidade e para o pensamento abstrato.

PROCURANDO UM ESTILO

Vincent tornou-se familiarizado com as xilogravuras japonesas e seus retalhos de cores claras, com os artistas japoneses

Hiroshige, Yoshitoshi, Hokusai, e sua tradição Ukiyo-e em que ele descobriu um modo de ver "oriental". Inspirado por sua arte, Vincent escreveu ao seu irmão: "Invejo os japoneses por causa da excepcional clareza que têm todas as coisas em suas obras." Como acontecia tão frequentemente com suas descobertas, Vincent introduziu imediatamente vários dos traços japoneses em sua arte. Esses exemplos japoneses provavelmente influenciaram a pintura das belas macieiras e florescências que ele produziu durante esse tempo. Outra descoberta que ele incorporou foi a sugestão de tonalidade sem perspectiva linear, uma técnica às vezes vista na arte primitiva. Vincent havia encontrado sua expressão singular na arte, seu estilo pessoal.



Madame Augustine Roulin
— 1889

Em um período durante o qual os artistas eram forçados por galerias de arte e convenções a seguir as regras da perspectiva, anatomia, estabelecidos esquemas de cores, e aderir aos temas éticos, históricos, religiosos e místicos, Vincent e seus companheiros produziram realidade conforme eles a percebiam na teia. "Você sabe que isto é muito, muito necessário para que as pessoas honestas permaneçam na arte? Difícilmente sabe alguém que o segredo do belo trabalho jaz em grande parte na verdade e no sentimento

sincero", escreveu ele.

Embora não tivesse concluído a escola secundária, Vincent era, não obstante, um homem culto, interessado no significado mais profundo das coisas visíveis. Os grandes romancistas naturalistas franceses — Zola, Balzac e Loti — que tentaram explicar a atitude de seus personagens no contexto das circunstâncias sociais, herança genética, peculiaridades psicológicas e educação, influenciaram Vincent, que discutiu seus romances com seu irmão. As descrições dos males sociais por Dickens afetaram o artista, como fez o romancista francês Balzac. Seu interesse na religião e na literatura, juntamente com suas experiências pessoais, fez dele um atento observador e um investigador do significado mais profundo da vida e da arte. Vincent queria que a arte fosse um expoente do metafísico, bem como das realidades da vida.

DIMENSÃO ESPIRITUAL

Era van Gogh um artista religioso? Aqueles que examinam leviana e superficialmente seus anos formativos, talvez respondessem "Não". Mas a maneira como ele escolheu e tratou seus temas é prova suficiente de que ele era um artista religioso. Alguns dos seus quadros tratam de assuntos bíblicos, tais como "O Bom Samaritano", "O Semeador" e "A Ressurreição de Lázaro". Mas se pode afirmar que o artista queria realçar a aliança religiosa entre Deus, a humanidade e a Terra em um sentido mais geral. Vivendo numa época em que os problemas sociais dos operários das fábricas e dos trabalhadores afligidos pela pobreza em uma sociedade em rápido processo de industrialização exigia uma solução, Vincent desejava contribuir com sua arte para a felicidade das pessoas.

Van Gogh recusou satisfazer a demanda comercial dos comerciantes de artes por arte religio-

sa tradicional, o que ele afirmava ser um sacrilégio. Escrevendo a Gauguin e Bernard em conexão com isto, ele insistia com eles para que abordassem a arte de maneira intelectual e honesta, divisando a criação de Deus e a interpretando pessoalmente com mentalidade franca, imparcial. O próprio Vincent pintava flores, paisagens e retratos não para agradar aos comerciantes de artes, mas com a finalidade de retratar os mistérios da Natureza.

Exemplos do seu interesse pela Natureza são os cinco quadros de configurações estelares que ele produziu entre 1888 e 1890. Um desses quadros foi fei-



Terrazzo de Café à
Noite — 1889

to depois que ele leu um ensaio científico de Camille Flammarion em "Les Etoiles". Van Gogh escreveu este comentário enigmático (e talvez profético): "Da minha parte, declaro que não sei nada a respeito disto, mas olhar para as estrelas sempre me faz sonhar, tão simplesmente como sonho com os pontos negros de um mapa representando cidades e aldeias. Por que, pergunto a mim mesmo, não deveriam os pontilhos brilhantes do céu estar tão acessíveis como os pontos negros no mapa da França? Se tomamos o trem para ir a Tarascon ou Rouen, tomamos a morte para atingir uma estrela. Um fato indubitavelmente certo neste raciocínio

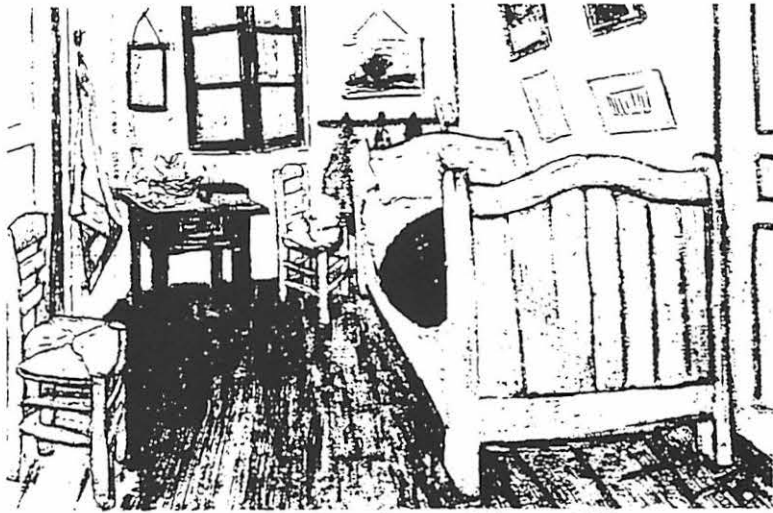
é que enquanto estamos vivos não podemos chegar a uma estrela mais do que estando mortos podemos tomar o trem. Assim me parece que o cólera, cálculos [pedras nos rins], a tísica [tuberculose] e o câncer são os meios celestiais de locomoção, precisamente como os barcos a vapor, os ônibus e as ferrovias são os meios terrestres. Morrer calmamente de velhice seria ir para lá a pé."

Comentando sobre "Noite Estrelada", um quadro que agora tem fama mundial, Vincent revelou o seu amor pela Natureza, sua necessidade de uma experiência espiritual e o seu intenso desejo de amizade: "Isto não me reprime de um terrível anseio por — eu direi a palavra — religião. E então eu saio para fora à noite para pintar as estrelas, e sempre sonho de tal pintura com um grupo de figuras vivas, amigos."

OS MESES FINAIS

Cansado depois de sua longa permanência na atmosfera da cidade de Paris, no início de 1888, Vincent foi trabalhar na zona rural de Arles no sul da França. Fascinado pela luz de Provença e pela paisagem das oliveiras e ciprestes, em um período de 15 meses ele produziu o que é considerado alguns dos seus melhores quadros e desenhos — mais de 300 deles! Infelizmente, esse foi o derradeiro momento de relativa calma que ele usufruiu.

Vincent alugou uma pequena casa amarela, esperando que seus amigos artistas se uniriam a ele para formar uma comunidade de pós-impressionistas. Trabalhou durante dias em um período, das 7 horas da manhã até às 6 da tarde no mesmo local, com pausas curtas e esporádicas para tomar alimento. "O resultado é que eu trabalho rápido", escreve ele a Theo. "Tenho a lucidez e o deslumbramento de alguém que está apaixonado, estou subjugado pelas cores, e esta nova experiência está levan-



O Quarto de Dormir em Arles — 1888

do ao êxtase. Não estou cansado, e gostaria de iniciar um novo quadro hoje à noite." Gauguin visitou Vincent em outubro, e eles pintaram juntos por um breve tempo. Contudo, suas disposições eram violentamente incompatíveis, e sua amizade chegou a um fim. Crescentes ataques de instabilidade mental, que prevalecia na família de Vincent, o levaram ao desespero. Ele pintava furiosamente, procurando manter sua sanidade, mas sem nenhum proveito. Na véspera de Natal, 1888, o artista decepcionou uma parte do seu ouvido esquerdo, e foi internado em um hospital.

Liberado por um breve período de tempo, ele logo solicitou internamento em um asilo de Saint-Rémy, onde pintou telas que eram mais ousadas do que nunca. Mas nele cresceu a saudade do lar, e o desespero ante sua incapacidade de ser bem-sucedido. "O que sou eu aos olhos de muitas pessoas?" escreveu ele. "Um homem imprestável, excêntrico e desagradável, alguém que não tem nenhuma posição na sociedade e jamais terá. Muito bem, mesmo se isto fosse verdade, devo sentir o desejo de mostrar por minha obra o que há no coração de tal excêntrico, de tal João-ninguém."

Viajando para o Norte a fim de ver seu irmão, o artista procurou refúgio em Auvers-sur-Oise, a vila onde morava o Dr.

Gachet, amigo de Cézanne e Pissarro. Essa estada no campo trouxe um breve descanso, mas as desavenças com Gachet, sentimentos de isolamento e a excessiva dependência do irmão, agora casado, encerraram o período de tranquilidade e produtividade. Não divisando nenhuma esperança de superar a solidão ou de ser curado, Vincent van Gogh pôs fim à existência aos 37 anos de idade.

Para o cristão que aprecia as artes visuais, van Gogh permanece como um doloroso enigma — sensível e insólito, criativo e autodestrutivo, afetuoso e, contudo, violento. Conquanto a religião organizada evidentemente o desapontasse, ele continuou a estender a mão para o transcendente. Era profundamente inseguro, constantemente em busca de companheirismo e sentindo-se frustrado em sua procura de intimidade. Seu rico epistolário nos dá idéia da arte inigualável produzida por uma alma atormentada. Em dez breves anos de pintura, criou uma esplêndida coleção de arte que nos fala com a voz de um "peregrino na terra" que queria "ir para o lar".

Pieter Sol serve como diretor do Junior College e Seminário Adventista do Sétimo Dia da Holanda, onde leciona Arte e Religião.